

**AS CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS DE YALTA E POTSDAM E SUA
CONTRIBUIÇÃO À CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA ECONÔMICA
INTERNACIONAL NORTE AMERICANA NO CAPITALISMO DO APÓS 2ª
GUERRA MUNDIAL**

Dr. Carlos-Magno Esteves Vasconcellos

Professor de Economia Política Internacional
Coordenador do Grupo de Estudos e Iniciação Científica “Construção e desconstrução da
hegemonia econômica e política dos Estados Unidos da América (EUA) no capitalismo
internacional: a experiência dos últimos 60 anos” do UNICURITIBA
E-mail: profcmev@hotmail.com

Roberta de Souza Mansani

Acadêmica do 7º período do Curso de Relações Internacionais do UNICURITIBA
Pesquisadora do Grupo de Estudos e Iniciação Científica “Construção e desconstrução da
hegemonia econômica e política dos Estados Unidos da América (EUA) no capitalismo
internacional: a experiência dos últimos 60 anos”
Bolsista do CNPq
E-mail: roberta.souza.mansani@gmail.com

Recebido em: 03 jul. 2013
Aceito em: 24 ago. 2013

RESUMO

Em 1945 os denominados três grandes (EUA, Inglaterra e URSS) se reuniram em duas ocasiões, na Conferência de Yalta e na de Potsdam. Ambas as reuniões lançaram as bases da Doutrina da Guerra Fria. Esta se baseou em um discurso que reforçava a desconfiança entre EUA e URSS. A bipolaridade, característica desse período, se desmembra em três principais aspectos interligados: a disputa para manter as zonas de influência (delimitadas em Yalta), o equilíbrio do poder (refere-se à corrida armamentista) e a dissuasão ou Contenção (através do Plano Marshall e da proliferação de bases militares norte-americanas pelo mundo). Nesse contexto, a economia norte-americana se fortaleceu, o que se traduziu, também, em investimentos, em pesquisas, tecnologia. Consequentemente proporcionou um grande poder militar - sustentado pela corrida armamentista, culminando na constituição de um complexo industrial-militar que passou a ser economicamente essencial aos EUA - e em poder político, que somados foram essenciais para a sustentação econômica do país.

Palavras-chave: Yalta, Potsdam, Doutrina Truman, bipolaridade, capitalismo, hegemonia.

ABSTRACT

In 1945 the so-called big three (USA, England and USSR) met on two occasions, at the Yalta Conference and Potsdam Conference. Both of the meetings laid the foundations of the Cold War Doctrine. This doctrine was based in a speech that reinforced the distrust between US and USSR.

The bipolarity, feature of this period, splits itself into three main aspects: the race to keep the influence zones (defined in Yalta), the balance of power (referred to the arms race), and deterrence or containment (through the Marshall Plan and the proliferation of U.S. military bases around the world). In this context, the U.S. economy has strengthened, which resulted also in investments in research, technology. Consequently provided a great military power - supported by the arms race, culminating in the formation of a military-industrial complex that has become essential to U.S. economic - and political power, which together have been essential to the economic support of the country.

Keywords: Yalta, Potsdam, Truman Doctrine, bipolarity, capitalism, hegemony.

1 INTRODUÇÃO

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo resultados que interferiram diretamente no que, mais tarde, se consolidaria e culminaria na Guerra Fria. O primeiro desses resultados foi a supremacia econômica alcançada pelos Estados Unidos, ao término daquela grande guerra. Segundo Vizontini (2006, p. 12).

(...) pois ele (os Estados Unidos) reativou e expandiu seu parque industrial, absorveu a enorme massa de desempregados dos anos 30, além de o país sofrer poucas perdas humanas e praticamente nenhuma destruição material.

Outro aspecto de grande importância foi o fato de a economia norte-americana se tornar imprescindível ao capitalismo do pós-guerra, afinal, estendeu o benefício de sua riqueza e poder para ajudar a reconstruir a Europa Ocidental (PERRY, 2002). Em outras palavras, já que seus aliados estavam debilitados (WALLERSTEIN, 2004, p. 22)¹, e os, até então, rivais estavam em condições até piores, os EUA eram quem poderia assegurar o renascimento econômico do capitalismo internacional². Conforme explica Vizontini (2006), no ano de 1945 os Estados Unidos eram responsáveis por 60% da produção industrial mundial. A esse enorme poder e supremacia industriais devem ser ainda acrescentado em favor dos Estados Unidos as importantes reservas de ouro monetário em termos relativos e o gigantesco aparelho militar consolidado durante os anos de guerra. Tudo isso teria um papel absolutamente decisivo na construção da hegemonia econômica internacional norte-americana após a Segunda Guerra Mundial, quando se formou um sistema mundial marcado pela bipolaridade.

A *pax americana*³ (VIZENTINI, 2012) que se forjaria à base da supremacia econômica, financeira e militar dos Estados Unidos não poderia portanto prescindir de ações estratégicas e de alcance internacional do governo dos Estados Unidos em sintonia com os interesses da burguesia nacional. Porém, tais ações estratégicas também não poderiam negligenciar a necessidade dos demais países do sistema internacional e, principalmente, daqueles que se desejava manter na órbita de influência econômica norte-americana.

A partir da Guerra Fria (...) as decisões políticas emanadas dos Estados Unidos adquiriram importância decisiva para todos os Estados. Washington passou a dispor de estratégias de alcance mundial e dos meios e instrumentos – econômicos, militares e diplomáticos – necessários para a execução dessas estratégias. (MAGNOLI, 2008, p. 68-69).

Dentre as ações estratégicas mais importantes para a consolidação da hegemonia econômica internacional dos Estados Unidos podemos citar: a Conferência Financeira Internacional de Bretton Woods (1945), as Conferências de Yalta e Potsdam (ambas em 1945), o Plano Marshall (1947) e o Acordo Geral de Tarifas e Comércio – GATT (1947). O

¹ “A segunda Guerra Mundial resultou numa enorme destruição de infraestruturas e populações por toda a Eurásia, do Atlântico ao Pacífico, da qual praticamente nenhum país saiu ileso.” (WALLERSTEIN, 2004, p. 22).

² “A única grande potência industrial do mundo a emergir intacta – e até bastante reforçada, de uma perspectiva econômica – foram os Estados Unidos, que avançaram rapidamente para consolidar sua posição” (WALLERSTEIN, 2004, pg.22).

³ A *Pax Americana*, amparada no sistema das Nações Unidas, também permitia a inserção da União Soviética no cenário internacional (VIZENTINI, 2012).

presente artigo tem por objetivo refletir especialmente sobre a importância das Conferências de Yalta e Potsdam para a consolidação da hegemonia norte-americana pós-1945.

2 A CONFERÊNCIA DE YALTA (FEVEREIRO DE 1945)

A Segunda Grande Guerra não havia ainda chegado ao fim quando as três grandes potências aliadas (a Inglaterra, representada por Winston Churchill e mais tarde Clement Attlee; a URSS, representada por Stálin; e os Estados Unidos, representados por Franklin Roosevelt e mais tarde Harry Truman) começaram a se articular com vistas a reorganizar o sistema internacional do pós-guerra. A primeira dessas reuniões aconteceu na cidade de Teerã em novembro de 1943; a segunda aconteceu em Yalta, na Criméia, em fevereiro de 1945; e a terceira em Potsdam (Alemanha), em julho/agosto também de 1945. As duas últimas conferências foram decisivas nos rumos que tomariam a economia e o sistema capitalista internacional ao fim da guerra.

O contexto histórico que envolveu as Conferências de Yalta e Potsdam era de uma Europa devastada. Já era sabido dos três grandes que a França e a Itália saíam enfraquecidas da guerra. Tendo em vista o enfraquecimento econômico e militar relativos da Inglaterra, o contexto dos encontros implicava também uma URSS despontando como a principal potência militar do continente europeu (WAACK, 2008, p. 274). Pode-se concluir então que EUA e URSS eram as duas grandes potências militares da época, sendo que os Estados Unidos ainda contavam com uma economia bem desenvolvida e em pleno crescimento, sendo que sua indústria chegou a crescer mais de 15% ao ano entre 1940 e 1944⁴.

Conforme explica Waack (2008, p.272), ao se encontrar com seus interlocutores em Yalta, a visão do presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, era construir a nova ordem mundial do pós-guerra em cooperação com Stálin.

Alors, en cette fin de guerre en 1945, si les impérialistes anglo-américains composaient avec le chef du Kremlin, s'ils étaient prêts à faire la part du jeu, c'est parce qu'une préoccupation commune les unissait: comment établir et maintenir l'ordre dans l'Europe d'après-guerre.⁵

Por isso a Conferência de Yalta foi, para muitos autores, como Vizentini (2006), o ápice da cooperação entre EUA e URSS, e demonstrou o declínio da Grã-Bretanha como potência⁶.

É importante se destacar que, embora alguns autores afirmem que a personalidade dos líderes reunidos na Conferência tenha sido decisiva para o encaminhamento da mesma, o que de fato foi, mas não se deve esquecer que estes mesmos líderes estão representando os interesses estatais e que em outras esferas também ocorrem discussões

⁴ Segundo Kennedy, boa parte dessa produção industrial era de guerra (no total da produção industrial aumentou de 2% em 1939 para 40% em 1943), mas não deixou de haver expansão das indústrias de outros setores. No término na Guerra inclusive, os Estados Unidos contavam com 20 bilhões de dólares de reservas, sendo o total mundial de reservas de 33 bilhões de dólares (KENNEDY, 1989, P. 343).

⁵ “Assim, no final da guerra em 1945, quando os anglo-americanos acordaram com o chefe do Kremlin, eles tinham uma preocupação comum: como estabelecer e manter a ordem na Europa pós-guerra.” Cercle León Trotsky. *Yalta: de la peur de la révolution au partage du monde*. 1984. Disponível em: <<http://www.lutte-ouvriere.org/documents/archives/cercle-leon-trotsky-62/article/yalt-de-la-peur-de-la-revolution?lang=fr>>. Acesso em 30 maio 2012.

⁶ “A Grã-Bretanha, apesar de Churchill, estava em declínio” (KENNEDY, 1989, p.343).

com outros líderes, sejam eles ministros ou conselheiros. Nesse sentido, para muitos americanos Roosevelt por estar “velho e doente” fora incapaz de impor uma posição menos flexível, mas, deve-se levar em conta também o fato de tanto os EUA quanto a URSS necessitarem um do outro naquele momento e por isso havia um espírito de cooperação mais forte nessa Conferência.

Dadas as condições econômicas, sociais e políticas do imediato pós-guerra, tanto na União Soviética (URSS) e países da Europa oriental, quanto nos países da Europa central e ocidental, não devemos estranhar que as palavras de ordem no mundo eram “paz e reconstrução”. E, a princípio, era perceptível um espírito de cooperação entre soviéticos e norte-americanos em Yalta⁷, principalmente, porque os Estados Unidos sabiam que não poderiam ignorar a participação dos soviéticos na edificação de uma nova ordem mundial. Esse mesmo espírito de cooperação, entretanto, parecia não alcançar os representantes britânicos. Churchill, menos otimista que Roosevelt em relação à cooperação com a URSS, tinha um posição menos amistosa do que a norte-americana, e queria já uma divisão clara das esferas de influência na Europa pois, conforme explica Waack (2008), sabia que logo após a retirada das tropas americanas da região, os interesses britânicos estariam ameaçados na região do Mediterrâneo, afinal já havia ocupação soviética no Leste e Centro Europeu, e queriam evitar que continuassem pela região sul dos Bálcãs. Dentre as questões mais importantes discutidas e acordadas em Yalta vale à pena destacar:

1. A questão da fronteira entre URSS e Polônia: alguns territórios poloneses e romenos foram entregues aos soviéticos, aumentando seu território e influência na região do Centro e Leste Europeu (sendo que em 1939 já havia anexado a região dos Estados Bálticos). Mais precisamente, agora a fronteira dos territórios da URSS, com terras polonesas, se daria na Linha Curzon.

2. Países que tinham fronteira com a URSS não teriam governos antissoviéticos: ficou inicialmente acordado que o Leste Europeu, ou seja, os países limítrofes com a União Soviética, não poderiam ter governos que fossem contra a URSS. O interesse soviético disso se dava pelo fato de esses países terem servido de “corredor” para a entrada dos alemães no seu território (VIZENTINI, 1997, p.7). Nesse ponto, vale destacar o papel que teve o Exército Vermelho em expulsar as tropas alemãs e que se mantiveram presentes na região desde então. Isso mostra que a URSS já tinha certo domínio, certa influência sobre esses países, como bem aponta Vizentini (1997, p.7) em seu artigo e, inclusive, critica a utilização do conceito de “*partilha do mundo*”, já que essa parte foi acordada que ficaria com a URSS, mas o resto do mundo ficou sob esfera capitalista. Na época, já inicial de guerra fria Roosevelt foi muito criticado por diversos norte-americanos, por de certo modo, ceder facilmente o território em questão ao domínio soviético.

Mais especificamente sobre a forma do governo dos países limítrofes à URSS, Magnoli (2008, p.85) aponta que:

(...) previa a formação de governos de união nacional na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária, Iugoslávia e Albânia. Tais governos contariam com representantes de todos os partidos antifascistas, mas seriam dirigidos pelos partidos comunistas.

O Governo na Polônia estava sendo sustentado pelo denominado Governo de Lublin, o qual os soviéticos influenciavam diretamente. Passou então a ser requerido que outros participantes fossem inseridos, dentre eles poloneses exilados.

⁷ Como é apontado por Waack, além de querer cooperação soviética para fundar as Nações Unidas, queria de um modo mais geral cooperação para a reestruturação da nova ordem. WAACK, William. Conferência de Yalta e Potsdam (1945). In: MAGNOLI, Demétrio (Org). **História da Paz**: os tratados que desenharam o planeta. São Paulo: Contexto, 2008.

3. EUA e URSS acordaram que a União Soviética iria entrar na Guerra da Manchúria, contra o Japão: os EUA travavam na época uma guerra no Pacífico contra o Japão, em especial na Manchúria, praticamente sozinhos, e por ter dificuldade de acesso à região (onde havia um núcleo militar e industrial japonês). (VIZENTINI, 1997, p.7) Foi necessário acordar com a URSS sua entrada na Guerra da Manchúria, ainda que para isso os soviéticos tivessem que romper o pacto de neutralidade nipônico-soviético de 1941, através do qual soviéticos e japoneses haviam se comprometido em não intervir no caso de uma guerra entre um dos dois países com países terceiros:

Os chefes de governos das três grandes potências – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Estados Unidos da América e Grã-Bretanha – decidiram de comum acordo que dois ou três meses após a rendição da Alemanha e da cessação das hostilidades na Europa, a União das Repúblicas Soviéticas entrará em guerra contra o Japão, ao lado dos Aliados, (...) (CONTE, 1986, p.279).

Sem muita discórdia, Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética deram, em Yalta, os primeiros passos para pôr um fim definitivo à Segunda Guerra Mundial e iniciaram as tratativas para o reordenamento geopolítico do imediato pós-guerra.

3 A CONFERÊNCIA DE POTSDAM (JULHO/AGOSTO DE 1945)

Cerca de cinco meses após a Conferência de Yalta, os três grandes aliados contra o fascismo internacional – Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética, voltaram a se encontrar em nova conferência na cidade alemã de Potsdam, a fim de retomarem as conversações iniciadas em Yalta. Esta nova Conferência foi realizada nos arredores de Berlim, em julho de 1945. Os três grandes, dessa vez, apresentavam diferenças em seu quadro de representantes: Roosevelt já havia morrido, e em seu lugar estava o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman; a Inglaterra continuava representada por Churchill (pelo menos na parte inicial da Conferência, pois mais tarde seria substituído por Clement Attlee, para quem perdera o posto de primeiro-ministro da Inglaterra); Stalin permanecia como o representante da União Soviética.

Entretanto, o clima político nos meses que antecederam a Conferência de Potsdam não era o mesmo de Yalta. Em primeiro lugar, por conta do endurecimento político de Churchill em relação à União Soviética, particularmente no tocante à questão da Polônia. Tal endurecimento político esteve associado à idéia britânica de influenciar a formação do novo governo polonês, colocando-o sob a liderança de um político simpático ao capitalismo ocidental (Mikolajczyk). A impossibilidade de ver realizado tal plano levou Churchill a atritar-se com os soviéticos, em discordância com a posição assumida por Roosevelt quando das tratativas de Yalta. Analisando tais desdobramentos que antecederam a Conferência de Potsdam, Morray (1961, p.28) explicava:

Essa diferença fundamental (entre os posicionamentos de Inglaterra e Estados Unidos) no trato das questões com Stalin indicava uma pressão que pressagiava o rompimento (das relações de cooperação entre as três grandes potências), uma vez passado o peso da liderança de Roosevelt para Churchill.

Outra circunstância que alterou o clima político em Potsdam foi a substituição de Roosevelt por Truman. Se no início da Conferência ainda houvesse dúvidas em relação à postura do novo presidente norte-americano nas negociações, à medida que as conversas evoluíram, suas convicções e propósitos revelaram-se muito distintos daqueles de seu antecessor Roosevelt. À exemplo da postura de Churchill, Truman também assumiu uma posição mais intransigente com a URSS. Os tempos eram outros e a posição dos Estados

Unidos nas negociações havia profundamente se alterado, principalmente, em razão dos acontecimentos de meados de julho, período que antecedeu a Conferência de Potsdam.

O fator de maior relevância no início da Conferência de Potsdam foi, sem dúvida, o anúncio feito por Truman à Stalin sobre o sucesso do Projeto Manhattan, ou seja, o desenvolvimento e o bem sucedido teste dos Estados Unidos com a bomba atômica no deserto do Novo México, em meados de julho. Este fator foi determinante no condicionamento de toda a Conferência. Como observou Morray (1961, p.86):

O efeito inevitável da bomba foi fortalecer a confiança americana em sua capacidade de liderar o mundo sem ajuda soviética, ou mesmo com a oposição soviética. O desejo em entrar em acordo é habitualmente consequência de uma necessidade objetiva, e isso ocorrera com os aliados durante a guerra, que fizeram concessões mútuas e mostraram consideração pelos interesses mútuos, pela excelente razão de serem, isolados, muito fracos para enfrentar a ameaça Hitler-Japão.

As conversações de Potsdam foram realizadas com este pano de fundo: a disposição de um meio de enorme poder de destruição pelos Estados Unidos.

O cenário mundial entre as duas Conferências confirmou que a guerra acabaria em pouquíssimo tempo, afinal a Alemanha se rendeu meses antes, no início de maio de 1945. Não é por acaso que o tema sobre o que se fazer com a Alemanha no pós-guerra, discutido apenas marginalmente em Yalta, tornou-se prioridade absoluta em Potsdam. Uma preocupação visível, pelo menos para os ingleses e soviéticos, era assegurar-se de que a Alemanha não voltasse a ameaçar o equilíbrio geopolítico europeu (KENNEDY, 1988, p.350). A solução encontrada foi reparti-la em zonas de ocupação militar, onde cada um dos aliados teria uma parcela que administraria, tanto da Alemanha, quanto de Berlim. Assim, decidiu-se que:

Os Estados Unidos, a Inglaterra e (graças à generosidade anglo-americana) a França terminaram controlando dois terços da Alemanha, não como decorrência da quantidade de sangue derramado durante a guerra, mas em consequência da proximidade geográfica da vanguarda de seus exércitos, além do fato de Stalin ter dado substancial parte da Alemanha oriental aos poloneses. Embora a zona soviética de ocupação envolvesse os setores da capital Berlim ocupados pelos aliados, cobria apenas um terço da população alemã e percentual ainda menor das instalações industriais (GADDIS, 2006, p.21).

Ainda foram tomadas medidas para evitar o rearmamento e a possibilidade de novos enfrentamentos bélicos com a Alemanha, dentre as quais encontrava-se a espinhosa questão das reparações de guerra. (MEE JR, 1975). Quanto ao Japão, foi concedida ao Império nipônico mais uma oportunidade para sua rendição, infelizmente negligenciada.

4 DESDOBRAMENTOS E IMPLICAÇÕES DAS CONFERÊNCIAS DE YALTA E POTSDAM PARA A GUERRA FRIA E PARA A CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA ECONÔMICA INTERNACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS

As raízes da Guerra Fria estão nas Conferências de Yalta e Potsdam. Segundo Wallerstein (2004, p.23) foram essas Conferências que determinaram as “restrições geopolíticas” que dariam fundamento objetivo ao início da Guerra Fria. Ali, como expõe Vizentini (2010, p.227), foram consolidadas as zonas de influência sob as lideranças de Estados Unidos e URSS⁸ (VIZENTINI, 2010, p.227), com nítida vantagem para os norte-

⁸ Vizentini aponta que não se deve utilizar o termo *partilha do mundo*, sendo este um exagero, pois pouca parte foi deixada sob domínio soviético, em contraste com todo o resto do mundo, deixado ao capitalismo.

americanos, pois esses teriam a seu lado a Europa Ocidental formada por ex-impérios (Inglaterra, França, Portugal, Espanha, etc.) culturalmente desenvolvidos, enquanto à URSS se juntariam países econômica e culturalmente pouco desenvolvidos da Europa central-oriental e Ásia⁹ (WALLERSTEIN, 2004, p. 23). Essa divisão, como bem lembra Wallerstein (2004, p.23), representava uma situação de *status quo*, uma vez que, considerava e aceitava-se esse domínio soviético em uma região em que já marcava presença, e assegurava que cada uma das partes passaria a controlar uma parte do mundo.

As condições objetivas estando postas, faltava apenas plantar a desconfiança entre norte-americanos/ingleses e os soviéticos para desencadear a Guerra Fria. Mas os motivos para a desconfiança estavam à vista: os modelos socioeconômicos destes principais países os tornavam simplesmente antagônicos. De um lado, havia o capitalismo clássico, baseado na propriedade privada dos meios de produção e na liderança política da burguesia; de outro lado, o 'sistema soviético', apoiado sobre a propriedade pública dos meios de produção e no controle absoluto da vida política por um Estado monopolizado pela burocracia do Partido Comunista.

Pouco tempo depois do encontro de Potsdam, em fevereiro de 1946, a desconfiança latente entre burgueses e comunistas veio à tona e foi verbalizada e expressa pelos protagonistas de modo contundente. Do lado capitalista, as palavras do embaixador norte-americano em Moscou, George Kennan, em telegrama enviado ao Departamento de Estado em Washington, em fevereiro de 1946¹⁰, traduz a posição dos Estados Unidos em relação a URSS. Conforme expos GADDIS (2006, p.28), naquele importante telegrama de 1946 Kennan traçou um perfil dos interesses mundiais soviéticos após as Conferências de Yalta e Potsdam e sustentou que o ódio geralmente manifesto pelos políticos bolcheviques ao Ocidente era elemento orgânico ao modelo de sociedade construído na URSS e, por isso, constituiria o cerne da política externa do país. Em razão disso:

O que seria preciso, como assinalou Kennan em uma versão de suas idéias publicada no ano seguinte, era “uma *contenção* de longo prazo das tendências expansivas russas, paciente mas firme e vigilante. (GADDIS, 2006, p.28)

Do lado comunista, o embaixador soviético em Washington, N. Novikov, escreveu à Stalin em telegrama datado de setembro de 1946: “A política exterior dos Estados Unidos reflete a tendência imperialista do capitalismo monopolista americano, e se caracteriza (...) por um esforço pela supremacia mundial”. (GADDIS, 2006, p.28)

A idéia de uma política de contenção em relação à União Soviética imaginada por Kennan em breve ganharia corpo sob a forma de Doutrina Truman. Porém, para compreendê-la faz-se necessário esclarecer o que é dissuasão. De acordo com o Major Antunes (2007) a dissuasão seria uma estratégia de ação e pensamento, que estaria dentro da estratégia de contenção. Sob essa perspectiva, significa que se elabora uma ideia, uma hipótese de ameaça possível, e a partir disso é necessário evitá-la. Dois conceitos de dissuasão explicam essa ideia:

Segundo o dicionário do DoD dos EUA – ‘evitar uma ação pelo receio das consequências. É um estado mental provocado pela existência de uma ameaça credível de uma retaliação inaceitável’. (...) A Dissuasão, em sentido lato, visa impedir uma potência adversa de, numa situação dada, recorrer a determinados meios de coação em virtude da existência de um conjunto de meios e de disposições

⁹ Wallerstein fala em 1/3 do mundo sob domínio da URSS e o restante sob domínio dos Estados Unidos.

¹⁰ O telegrama de Kennan pode ser encontrado em versão integral no seguinte endereço: http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/index.php?documentdate=1946-02-22&documentid=6-6&studycollectionid=&pagenumber=1

capazes de constituírem uma ameaça suficientemente desencorajadora (Ten.General Cabral Couto, 1988b, 59 apud ANTUNES, 2007).

Tomando como base essa conceituação percebe-se claramente como isso se traduziu durante toda a Guerra Fria na dissuasão nuclear. Alvez Penha (2007, p.147), argumenta que “A bipolaridade (...) definiu uma nova ordem mundial apoiada na dissuasão, no equilíbrio de poder e nas esferas de influência”. A dissuasão era necessária, pois fazia evitar que uma ou outra superpotência efetivamente usasse seu poder militar. Como citado anteriormente, a dissuasão foi apenas um aspecto dentro de uma estratégia maior: a Contenção.

A política de contenção sugerida por Kennan em 1946 encontra suas raízes na teoria geopolítica das fímbrias, de Nicholas Spykman. Spykman defendia que, ao contrário de Mackinder¹¹, quem tivesse domínio ou influência sobre o *Rimland*¹² dominaria o mundo. Defendia assim, a necessidade de os Estados Unidos formarem alianças com os países da região que compreendia o *Rimland*.

Essa ideia foi posta em prática, com a formulação de Kennan enviada ao Secretário de Estado James Byrnes, levando ao lançamento da Doutrina Truman¹³ em 1947 (após os britânicos declararem não conseguirem mais conter os partidos socialistas na Grécia e na Turquia), aplicando a Contenção como estratégia de segurança. Acreditava que a URSS tentaria se expandir através de alianças com partidos comunistas em outros países e não através de invasões. Para que os EUA conseguissem conter isso, era necessário reforçar instituições democráticas, reconstruir com ajuda econômica para Europa e Ásia, então fortaleceria suas zonas de influência. Essas ideias atraíram James Forrestal, que era Secretário da Marinha Americana, que conseguiu levar as ideias à Truman. (PENNACCHI, s/d).

O resultado dessa estratégia, dessa Doutrina, e em última instância da teoria de Spykman, foi, além do Plano Marshall, a proliferação de alianças (militares e de ajuda econômica) com países das bordas da Eurásia. Foram criadas em 1949 a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), em 1954 a OTASE (Organização do Tratado do Sudeste da Ásia ou Pacto de Manila) e em 1955 a OTCEN (Organização do Tratado do Centro ou Pacto de Bagdá)¹⁴. Com relação a OTAN, em específico, tinha-se a ideia de que ela serviria como um “escudo atômico” (SARAIVA, p. 202), e mais ainda, havia a ideia de dissuasão nuclear, ou seja, pelo fato de os Estados Unidos deterem a tecnologia da bomba atômica não haveria ataques ou confrontos que os obrigassem a usá-la. Entretanto, para reforçar melhor a segurança na Europa, além de se criar um área de influência americana mais rígida, a OTAN foi criada com o princípio de Defesa Coletiva, caracterizando que uma

¹¹ Mackinder acreditava, através da sua Teoria do Poder Terrestre que o domínio do Heartland (região central) era a chave para se dominar o mundo.

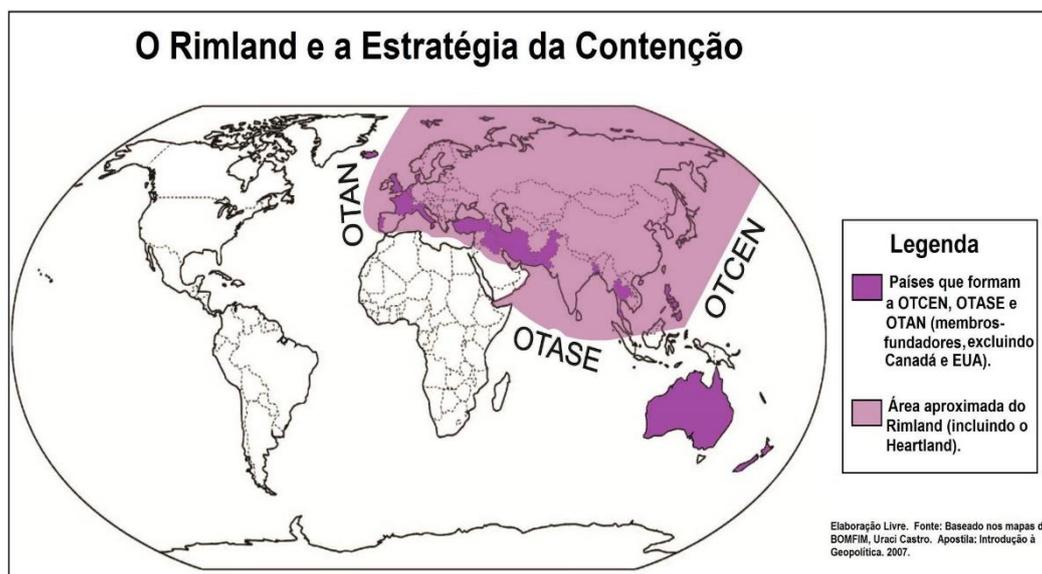
¹² O *Rimland* se refere à áreas em torno do Heartland. Acredita assim, que dominando o Rimland, há controle da expansão do Heartland. Em termos práticos, equivaleria dizer, que ao controlar o entorno da URSS e suas áreas de influência se impede a expansão da mesma. Ver PENHA, Eli Alves. Geopolítica das Relações Internacionais. In: **História das Relações Internacionais: teoria e processos**. Lessa, Monica Leite e Gonçalves, Williams da Silva. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2007. Pg. 147 e 148.

¹³ Truman discursou ao Congresso: “Creio que a Política dos Estados Unidos deve consistir em apoiar os povos que estão lutando contra tentativas de subjugamento por parte de minorias armadas ou de pressões externas.” (MAGNOLI, 2008, pg.90). Esse trecho, expressa as ideias de George Kennan de contenção por haver perigo de expansão soviética através de Partidos Comunistas dos outros países. Os casos da Grécia e da Turquia representam esse “perigo”.

¹⁴ Em sua apostila, é destacado que: “Com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ocupou as “fímbrias” do oeste Europeu; com a “Organização do Tratado do Centro” (OTCEN), ocupou as “fímbrias” do centro-sul da Eurásia, com base no Irã; com a Organização do Tratado do Sudeste da Ásia (OTASE), ocupou o oeste da Ásia, com base no Japão.”. Ver BOMFIM, Uraci de Castro. Apostila: Introdução ao Estudo da Geopolítica. 2007.

ameaça à qualquer um dos países-membros, seria considerada ameaça à todos (MAGNOLI, 2008, pg.97).

O mapa a seguir demonstra visualmente o “cerco” de influência americana nas bordas da Eurásia: a Contenção¹⁵.



FONTE: Elaborado pelos autores com base em BOMFIM, Uraci Castro. Apostila: Introdução ao Estudo da Geopolítica. 2007.

A intenção norte-americana com o Plano Marshall, com a política de contenção e as alianças militares a ela associadas, na realidade são efeitos de um interesse econômico:

As forças mais profundas que alimentaram a Guerra Fria, do lado dos Estados Unidos, foram constituídas no ambiente econômico. A política industrial e financeira do gigante associava-se à luta do anticomunismo, ingrediente fundamental da preleção doméstica da Guerra Fria nos Estados Unidos. (...) A atuação diplomática dos Estados Unidos na sucessão de crises internacionais que se iniciaram em 1947 (...) evidenciou a perfeita fusão entre os interesses da indústria e do comércio norte-americanos com a busca obsediante pela hegemonia mundial (SARAIVA, 2008, p. 200).

Desse modo, a elaboração de alianças, a proliferação de bases militares no mundo, supremacia da Marinha e da força aérea norte-americana, a criação de Organizações Internacionais, foram por interesse econômico uma vez que os EUA necessitavam de um multilateralismo nesse âmbito, afinal, a produção industrial estava em ascensão e não poderia haver outra crise de superprodução¹⁶. A economia forte americana gerou investimentos em pesquisas, tecnologia e se traduziu em um grande poder militar. A afirmação de um observador, destacada por Kennedy (1989, p.372), mostra como esse processo se desenvolveu durante a Guerra Fria, já que a citação é de 1970:

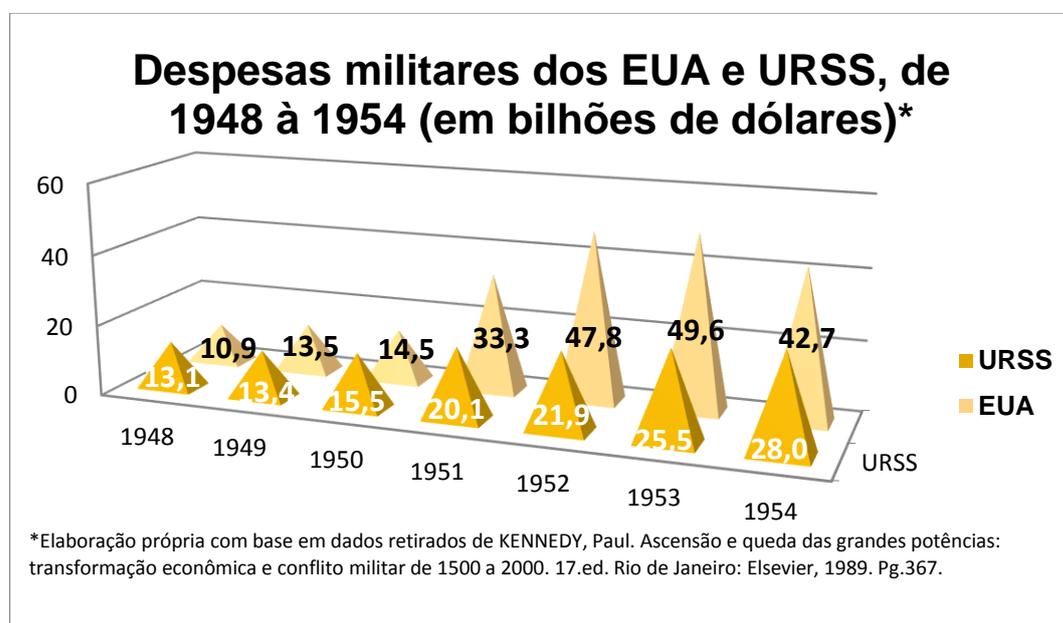
¹⁵ Cf. Truman Library.

http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/index.php?documentdate=1946-02-22&documentid=6-6&studycollectionid=&pagenumber=1

¹⁶ Ver (SARAIVA, 2008, p. 199) e (WALLERSTEIN, 2004, p.44).

(...) os Estados Unidos tinham mais de um milhão de soldados em 30 países, eram membros de 4 alianças regionais de defesa e participantes ativos de uma quinta, tinham tratados de defesa mútua com 42 nações, eram membros de 53 organizações internacionais, e prestavam ajuda militar e econômica a cerca de 100 nações em todo o globo (KENNEDY, 1989, p. 372).

O aspecto ideológico de luta contra o comunismo, na realidade legitimava essas ações, e conferia um aspecto de urgência, era necessário agir para não deixar a URSS avançar, em ações que tornassem os EUA em uma posição superior à URSS. De fato já o era, com seu orçamento, com sua economia, com seu poder militar, entretanto, colocar o fator de competitividade, de um mundo bipolar, era fundamental para essa legitimação¹⁷. A corrida armamentista comprova isso. É perceptível pelas despesas que a URSS e os EUA tiveram de 1948 à 1954 (mesmo notando-se uma queda no valor investido pelos Estados Unidos) que houve um crescimento muito superior dos Estados Unidos em despesas militares, refletindo sua expansão e alcance mundial que passou a crescer também:



Contudo, não basta citar esses dados sem falar da influência e importância do complexo industrial-militar para a economia dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, como ficou provado com o testemunho do ex-presidente norte-americano, Dwight D. Eisenhower, por ocasião da entrega da Casa Branca para o presidente J. F. Kennedy em 1961, quando alertou o país sobre os riscos do avanço da influência desse complexo-militar na esfera política¹⁸. (KENNEDY, 2003).

¹⁷ Como expressa Hein analisando de um ponto de vista realista: “Dentro do pressuposto realista de que o interesse nacional deve prevalecer, os poderes econômico e militar tornam-se diplomáticos por excelência. A política externa norte-americana, portanto, deveria guiar-se pela construção de sua hegemonia e pelo bloqueio da ameaça soviética. Para tal propósito, toda prática é justa e legítima.” HEIN, L. Lothar C.. Guerra Fria conceitos e problemas. S/D. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/6220002/Hein-Leslie-Guerra-Fria-Conceitos-Problemas> > Acesso em: 02 junho 2012.

¹⁸ Segundo o historiador e jornalista Fred J. Cook, a importância econômica da produção bélica na economia dos Estados Unidos assumira caráter imprescindível desde 1944, quando Charles E. Wilson – presidente da General Electric e vice-presidente do Departamento de Produção de Guerra – pronunciou palestra em âmbito fechado para altos funcionários do governo americano afirmando que era necessário que o país criasse “uma

A aliança, ou o complexo militar-industrial, é facilmente verificável através dos dados apresentados no gráfico anterior e o fato de que a Força Aérea, a Marinha e o Exército passaram a ter um papel fundamental, uma vez que, as invenções de novas armas favoreciam seus setores. Um exemplo disso, no caso da Marinha, foi a criação de submarinos de propulsão nuclear que disparavam mísseis balísticos de longo alcance. A URSS também teve uma política marítima agressiva, pois, investiu em uma Marinha e em tecnologia de submarinos (PENHA, 2007, p.150). No lado da Força Aérea Soviética e também americana há a criação de mísseis intercontinentais.

Com relação às armas nucleares, os EUA, até 1949, possuíam o monopólio dessa tecnologia, o que lhes conferia o poder dissuasório (explicitado anteriormente) e um contraponto ao poder terrestre soviético. (KENNEDY, 2003, p.369-370). Em 1949 foi divulgada que a União Soviética adquiriu a tecnologia da bomba, e assim, no mesmo ano, novamente, os norte-americanos divulgaram que produziram uma nova bomba (Bomba-H) e a URSS alguns meses depois também se declarou com posse dela. Essa disputa incentivava cada vez mais os gastos e legitimavam-nos.

Formou-se, nos EUA, uma indústria bélica muito mais forte que se mostrava economicamente essencial: empregos derivados desse ramo aumentam em milhões, seja no Departamento da Defesa onde empregava-se cerca de 3 milhões e meio de pessoas (sendo que 947 mil seriam civis, com salários que no total giraria em torno de 12 bilhões de dólares, que é duas vezes maior que o salário total da indústria automobilística), ou nas indústrias de produção militar onde havia um total de 4 milhões de pessoas empregadas (empregos diretos). Algumas cidades¹⁹ ficaram completamente reféns desse setor e outros atores também ficaram dependentes desse setor, como os políticos, todo o ramo de negócios, e os trabalhadores industriais:

Na nação, como um todo, as autoridades calculam que entre um quarto e um terço de toda atividade econômica gira em volta das despesas militares e que, com outros aumentos do orçamento da defesa, esta porcentagem poderá alcançar os 50%. (...) Nestas circunstâncias, qualquer redução, levantará gritos de protesto dos trabalhadores, que teriam seus empregos em jogo, de uma grande variedade de negócios, que teriam os seus lucros em jogo, e dos políticos que, por sua vez, teriam os votos em jogo. (COOK, 1968, p.27).

A expansão da indústria bélica norte-americana alimentada pela Guerra Fria respondia não somente à necessidade de estabilidade social nacional (nível de emprego), mas também às necessidades de expansão econômica e sustentação dos lucros das empresas do país. Na verdade, os números apresentados acima mostram, de maneira incontestável, que a prosperidade da economia dos Estados Unidos, sua hegemonia econômica e política internacional e mesmo a prosperidade dos demais países que se encontravam sob a órbita de influência dos Estados Unidos após 1945 estiveram fortemente dependentes da Guerra Fria. Portanto, se a ideologia de afrontamento ao Ocidente, destilada pelos soviéticos no imediato pós-guerra a fim de sustentar o poder dos bolcheviques era verdadeira, como denunciara Kennan em 1946, a mesma lógica parece se aplicar aos Estados Unidos. O ódio com o qual os Estados Unidos impregnavam os discursos em relação à União Soviética foram determinantes para a sustentação de uma

aliança entre os militares e os homens de negócios numa economia permanente de guerra.” (COOK, 1968, p.65).

¹⁹ “A Agência de Armas e do Departamento, (...) revelou alguns dados surpreendentes. Averiguou, por exemplo, que, em 1959, a produção de mísseis representou pelo menos 82% de toda a produção de San Diego, 72% de Wichita e 53% de Seattle. Os contratos de material militar representaram de 20 a 30% do emprego de pessoal nos Estados do Kansas, Washington, Novo México, Califórnia e Connecticut. O Alasca, o Havaí, a Virgínia e o Distrito de Colúmbia recebiam de 10 a 26% da sua receita diretamente dos gastos realizados pelo Departamento da Defesa” (COOK, 1968, p.27).

política econômica nacional belicista que acabou desempenhando papel absolutamente decisivo na consolidação da hegemonia econômica internacional do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou mostrar que as Conferências de Yalta e Potsdam realizadas em 1945, durante os últimos meses da Segunda Guerra Mundial, tiveram um papel importante na construção e consolidação da hegemonia econômica internacional exercida pelos Estados Unidos sobre o capitalismo mundial desde então²⁰. A divisão do mundo em zonas de influências entre capitalismo e comunismo serviu de combustível para o antagonismo político e a doutrina da Guerra Fria. Em consequência, desatou-se uma competitiva corrida armamentista entre Estados Unidos e União Soviética que, em última instância fomentou a demanda efetiva e o crescimento econômico nas duas zonas de influência, criando assim as condições econômicas adequadas para o exercício da hegemonia norte-americana no espaço capitalista^{21/22}.

Na perspectiva aqui apresentada, as Conferências de Yalta e Potsdam assentaram as bases objetivas para o nascimento da Guerra Fria; esta, por sua vez, muito mais que um mero conflito ideológico, mostrou-se uma premissa necessária à edificação de uma política econômica cujo objetivo maior era a sustentação da prosperidade econômica dos Estados Unidos, sua hegemonia econômica internacional e a reconstrução do sistema capitalista mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Major. Paulo José da Conceição. **A Alteração do conceito de dissuasão: contributos para a sua conceituação.** Publicado em 05 Mar 2007. Disponível em: < <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=177>>. Acesso em: 23 maio 2012.

²⁰ “Para os norte-americanos, Yalta legitimava sua ascendência sobre todos os países capitalistas e sobre a economia mundial, em face de um exagerado “perigo externo”. Os *capitalismos* existentes até a Segunda Guerra Mundial, polos antagonistas e concorrenciais da economia internacional, davam lugar com Yalta a um *capitalismo* único, coordenado e relativamente unificado pelos Estados Unidos. (...) para os povos latino-americanos, e posteriormente afro-asiáticos, Yalta parecia muito mais uma estratégia de dominação de Washington sobre o Terceiro Mundo (...).” VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. O Sistema de Yalta como condicionante da política internacional do Brasil e dos países do Terceiro Mundo. *Rev. bras. polít. int.* [online]. 1997, vol.40, n.1, pp. 5-17. ISSN 0034-7329. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73291997000100001&script=sci_abstract> Acesso em: 03 julho 2012. Pg. 14.

²¹ A Guerra Fria também beneficiou, evidentemente, a União Soviética. Em sua zona de influência os soviéticos usaram-na por muitas décadas como alibi para suas políticas econômicas e de repressão social, de modo a manter nas mãos da burocracia do Partido único o controle e a hegemonia sobre a sociedade.

²² “Ao explorar a ideia de uma ameaça externa, Washington obtinha a unidade do mundo capitalista e orientava-a contra a URSS e os movimentos de esquerda e nacionalistas, tanto metropolitanos como coloniais, emergidos da Segunda Guerra Mundial. A manutenção de um clima de tensão militar conferia aos EUA uma posição privilegiada para consolidar sua expansão econômica (...).” (VIZENTINI, 2010, p.235).

BOMFIM, Uraci Castro. **Apostila: introdução ao estudo da geopolítica.** 2007.

CERCLE LEÓN TROTSKY. **Yalta: de La peur de La révolution au partage Du monde.** 1984. Disponível em: <<http://www.lutte-ouvriere.org/documents/archives/cercle-leon-trotsky-62/article/yalt-de-la-peur-de-la-revolution?lang=fr>>. Acesso em: 22 maio 2012.

CONTE, Artur. **Yalta ou a partilha do mundo.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

COOK, Fred J. **O Estado militarista.** 5.ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1968.

GADDIS, J. Lewis. **História da Guerra Fria.** São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

HEIN, L. Lothar C. **Guerra Fria conceitos e problemas.** S/D. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6220002/Hein-Leslie-Guerra-Fria-Conceitos-Problemas>> Acesso em: 02 junho 2012.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000.** Tradução de Waltensir Dutra. 17.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo: os grandes acontecimentos mundiais da guerra fria aos nossos dias.** 2.ed. São Paulo: Atual, 2008.

MEE JR, Charles L. **O Encontro de Potsdam: um momento crucial da história.** Rio de Janeiro: Record, 1975.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Halford Mackinder e a Geopolítica do Heartland. In:_____. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Hucitec/Edusp,1999.

MORRAY, J.P. **Origens da Guerra fria (de Yalta ao desarmamento).** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

PENHA, Eli Alves. Geopolítica das Relações Internacionais. In: LESSA, Monica Leite; GONÇALVES, Williams da Silva. **História das Relações Internacionais: teoria e processos.** EDUERJ: Rio de Janeiro, 2007.

PENNACCHI, Andrea. **George F. Kennan e a política de “contenção” da Guerra Fria.** Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewArticle/1362>>. Acesso em: 20 maio 2012.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental: uma história concisa.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SARAIVA, José Flávio Sombra (org). **História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização.** 2.ed. Saraiva, 2008.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **O Sistema de Yalta como condicionante da política internacional do Brasil e dos países do Terceiro Mundo.** *Rev. bras. polít. int.* [online]. 1997, vol.40, n.1, pp. 5-17. ISSN 0034-7329. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73291997000100001&script=sci_abstract>
Acesso em: 03 junho 2012

_____. **Da Guerra Fria à crise (1945-1989):** as relações internacionais do século 20. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

_____. **Manual do candidato:** História mundial contemporânea (1776-1991): da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética. 2.ed. Brasília: FUNAG, 2010.

WAACK, William. Conferência de Yalta e Potsdam (1945). In: MAGNOLI, Demétrio (org). **História da Paz:** os tratados que desenharam o planeta. São Paulo: Contexto, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Declínio do Poder Americano.** 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.